

NÃO COMPRAR PETRÓLEO RUSSO E TARIFAR A CHINA: PROPOSTA DE TRUMP PARA A OTAN É IRREALISTA

Por Andrew Korybko*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Proposta de Trump levaria a uma recessão total na UE, falando empresas europeias e conferindo vantagens às americanas em um mercado recém-livre de tarifas; esse poderia ser o objetivo final.

Trump propôs, em uma [publicação nas redes sociais](#) no fim de semana, que a OTAN parasse de comprar petróleo russo e começasse a tarifar a China entre 50% e 100%, como parte de seu plano para encerrar rapidamente o [conflito ucraniano](#). Ele prometeu impor “grandes sanções à Rússia” se todos os membros da OTAN pelo menos fizessem o que foi mencionado anteriormente. Essa proposta é irrealista, visto que a razão pela qual alguns membros da OTAN continuaram comprando petróleo russo (inclusive [indiretamente, via Índia](#)) era para gerenciar os preços globais e, assim, evitar uma recessão total.

Da mesma forma, impor tarifas de 50% a 100% à China levaria a picos de preços generalizados, que se somariam ao *dumping* do petróleo russo, desferindo um duro golpe na UE, embora isso possa ser o que Trump deseja para levar empresas da UE à falência e, assim, dar às americanas uma vantagem maior. É importante destacar que os observadores não devem esquecer que a [UE se subordinou](#) como o maior estado vassalo dos EUA por meio de seu acordo comercial desequilibrado no verão, portanto, manipulá-la para uma recessão promoveria ainda mais os interesses dos EUA.

O mesmo se aplica à [notícia recente](#) de que Trump também quer que a UE imponha tarifas de 100% à [Índia](#). Embora ele e Modi tenham [trocado gentilezas](#) nas redes sociais durante a mesma semana, confirmando que as negociações comerciais continuam em andamento, os EUA ainda têm interesse em subordinar a Índia. Inviabilizar sua [ascensão como grande potência](#), seja por esses meios e/ou possivelmente [tentando “balcanizá-la”](#), ajudaria a perpetuar a hegemonia unipolar em declínio dos EUA por um pouco mais de tempo e talvez até mesmo reverter essa tendência com o tempo.

Trump deve ter cuidado com o que deseja, no entanto, já que o hipotético cumprimento de suas propostas pela UE em relação à Rússia, Índia e China (RIC) pode sair pela culatra, aproximando os três países. A [incipiente reaproximação indo-chinesa](#), inadvertidamente [provocada pela pressão dos EUA](#) sobre a Índia, já representa um grande avanço. Some-se a isso o [acordo sobre o gasoduto Power of Siberia 2](#), firmado pela Rússia com a China à margem da [Cúpula da OCS](#), e os processos multipolares poderão em breve se acelerar ainda mais.

No entanto, não se pode presumir que a UE desferirá um golpe tão forte em sua própria economia, com todas as consequências políticas autoinfligidas que isso poderia acarretar, como a agitação popular e a potencial substituição de sua elite governante nas próximas eleições. Trump ou superestimou a influência dos EUA sobre a UE ou talvez espere cinicamente que eles não implementem sua proposta e a tenha compartilhado apenas como uma saída para justificar qualquer possível decisão futura de distanciar os EUA do conflito.

Ao mesmo tempo, ele estaria considerando o apoio americano a uma zona de exclusão aérea imposta pela UE sobre pelo menos parte da Ucrânia como [uma das garantias de segurança do Ocidente](#), e poderia até mesmo tentar [perigosamente tornar isso um fato consumado](#) se belicistas como [Lindsey Graham](#), que ele ainda ouve, conseguirem o que querem. Essas preocupações dificultam a conclusão exata dos motivos de Trump, portanto, não se pode descartar a possibilidade de ele ainda intensificar o envolvimento dos EUA no conflito, mesmo que a UE não implemente sua proposta.

No geral, há três cenários plausíveis para o que pode acontecer: 1) a UE cumpre a proposta, destruindo sua própria economia em troca da intensificação do envolvimento dos EUA no conflito; 2) a UE não cumpre, mas os EUA ainda assim intensificam a tensão; e 3) a UE não cumpre, então os EUA se distanciam do conflito sob esse pretexto. As próximas semanas irão, portanto, esclarecer a política em evolução de Trump em relação ao conflito ucraniano em particular e à RIC de forma mais ampla, enquanto sua equipe se esforça para reformular a grande estratégia eurasiana dos EUA.

***Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procura da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.
